

Uma exposição fotográfica a céu aberto

Autora: Ana Rita Vidica

e-mail: anavidica@gmail.com.br

*Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia –
Universidade Federal de Goiás (UFG)*

Resumo: Este artigo apresenta as primeiras reflexões sobre transformação da paisagem urbana por meio da fotografia, a relação estabelecida com a Arte Pública, a mudança do olhar, o processo de produção e recepção a partir do meu projeto de intervenção fotográfica na Marginal Botafogo, via rápida localizada na cidade de Goiânia-GO.

Palavras-chave: Olhar, Arte Pública, Produção, Recepção, Marginal Botafogo

Abstract: This article presents the first reflections on transformation of urban landscape's processing through photography, the relationship established with the Public Art, changing of look, the production process and receipt from my project of photographic intervention in the Marginal Botafogo, located on the motorway city of Goiânia-GO.

Key words: Look, Public Art, Production, Reception, Marginal Botafogo

Asfalto, paredes e pontes de concreto, muitos carros em alta velocidade, fumaça, sons de buzinas, poucos transeuntes, prédios, semáforos, postes de luz, *outdoors*, pichações, árvores, arbustos e um córrego. Esta é a paisagem que configura a Marginal Botafogo, uma via expressa da cidade de Goiânia-GO.

Ela tem cerca de 14 Km de extensão, fora construída com o intuito de desafogar o trânsito, retirando parte do fluxo de carros do centro da cidade. Para a construção houve a desapropriação de alguns moradores¹.

O nome da avenida “Marginal Botafogo” origina-se do Córrego Botafogo. Desde a sua construção, finalizada em 1991, houve polêmica e controvérsias entre ambientalistas, políticos, magistrados, bem como representantes de comunidades e instituições diversas².

Isto porque a urbanização da Marginal Botafogo reflete a retirada da vegetação nativa (mata ciliar), o que corresponde à instabilidade das vertentes do córrego, acelerando o escoamento superficial e o encadeamento dos processos erosivos de encostas. Diante desta transformação, característica das construções urbanas, como o córrego e a Marginal se relacionam? Como ela é percebida pelas pessoas que por ela passam?

Diante destes questionamentos, surgiu a idéia da produção de uma exposição fotográfica “a céu aberto”, de minha autoria, cujas fotografias seriam fragmentos da própria Marginal Botafogo, intitulada “Obra Marginal”³. Com isso, outras questões surgem. Serão elas percebidas como pertencentes àquele local de tráfego? E como se dará isso? Haverá um reconhecimento do local ou um estranhamento? E mesmo tendo sido construída no centro da cidade, não estaria ela, à margem de reflexões sobre ela mesma?

Nesse sentido, busca-se lançar “no corpo da cidade interrogações subjetivas para compreender um mundo contemporâneo também ele subjetivo e complexo. E da cidade como signo – ou resposta – passa-se à cidade como suporte – ou pergunta.” (SANTOS, 2004, p. 58).

Pergunta esta que se torna plausível na medida em que se pensam as manifestações artísticas como participantes que constituem, constroem e transformam as paisagens urbanas. E, conseqüentemente inserem-se no cotidiano da cidade, possibilitando uma nova formação da identidade dos contextos urbanos e do imaginário das pessoas que transitam nos mesmos.

Com isso, a arte passa aos domínios da cidade, que se transforma em grande espaço de exposição, sendo cunhada de “arte pública”. Esta denominação parte do pressuposto de diferenciar os trabalhos de arte daqueles produzidos e colocados em espaços públicos externos da cidade.

Esta publicização da arte, hoje, não se limita ao objeto estético, mas agrega a intervenção no social, o que torna possível a problematização do próprio ambiente urbano. Conforme expõe Eleonor Hearthley:

“uma das características mais importantes da arte recente é o grande número de artistas que incorpora a incoerência da cidade moderna em seu trabalho criando um tipo de escultura social, que define a noção de Arte Pública.” (*apud* AMARAL, 2006, p. 517)

Isso ganha sentido, no tocante à grande profusão de imagens que permeia a urbe, gerando uma espécie de anestesia visual, como aponta Brissac:

“A metrópole é o paradigma da saturação. Contemplá-la leva à cegueira. Um olhar que não pode mais ver, colado contra o muro, deslocando-se pela sua superfície, submerso em seus despojos. Visão sem olhar, tátil, ocupada com os materiais, debatendo-se com o peso e a inércia das coisas. Olhos que não vêem.” (2004, p. 175)

Diante disso, o “Obra Marginal” se caracteriza como um projeto de Arte Pública, na acepção contemporânea do termo, na medida em que se propõe a discutir o próprio espaço e a relação que se estabelece com as imagens que compõem o espaço urbano, especificamente, na Marginal Botafogo.

Com isso, a paisagem urbana é colocada em discussão, suas construções, seus fluxos em trânsito permanente e a relação que trava com os indivíduos que por ela passam. Isso ocasiona pensar a Marginal como um “não-lugar”⁴, pelo fato de se encontrar em duas realidades complementares, contudo distintas. Ela é um espaço objetivo, uma vez que é constituída para certos fins (transporte e trânsito) e também subjetiva, na medida em que propicia relações diferentes com cada indivíduo.

Esta segunda realidade esboçada por Augé, segundo ele, não é, na maioria das vezes, suficientemente vivenciada no cotidiano. Isto se deve ao

grande número de estímulos urbanos a que as pessoas estão submetidas, tornando esta discussão central no âmbito da arte contemporânea. “Nessa perspectiva, os não-lugares passam a ser lugares privilegiados da reflexão artística.” (SANTOS, 2004, p. 44)

A colocação do espaço da Marginal Botafogo como “não-lugar” abre caminho à criação de duas possibilidades poéticas dentro do projeto “Obra Marginal”, embora ambas tenham como “recorte espaço-temporal”⁵ o próprio espaço da Marginal, ou seja, fragmentos do córrego, do asfalto, dos muros, da vegetação, possibilitando reflexões em torno de dicotomias como (limpo, sujo), (belo, feio), (agradável, desagradável), (alegre, triste), (reconhecimento, estranhamento).

A primeira possibilidade poética constitui-se de fotografias sem manipulação de cores, mostrando a sujeira da Marginal, tal qual ela é, apresentada por meio de recortes, tendo como suporte os *outdoors* (9x3m). Com isso, se utiliza o meio da comunicação visual urbana, criando um confronto com as imagens publicitárias, trazendo à tona a oposição entre os contrários (limpo, sujo), (belo, feio), (agradável, desagradável), (alegre, triste), (reconhecimento, estranhamento).

Suscitam-se, então, questionamentos no espectador, como: É possível reconhecer a Marginal com estas imagens? Ou haverá um estranhamento total? De onde vêm, então, estas imagens “sujas”? Por que estão colocadas ali?



Imagem 1 – Fotografia exposta na rua

A segunda possibilidade poética constitui-se de fotografias com manipulação de cores, mostrando a sujeira transfigurada, levando a outras sensações. Aqui o confronto se dá de maneira inversa, uma vez que as imagens foram impressas em painéis (300x70 cm) colocadas em muros de pedras presentes na Marginal, sujas e opacas, trazendo também à tona a oposição entre os contrários; (limpo, sujo), (belo, feio), (agradável, desagradável), (alegre, triste), (reconhecimento, estranhamento). Logo, os questionamentos da poética anterior serão colocados também, contudo, de forma inversa.



Imagem 2 – Painel colorido exposto na rua

A partir destas duas possibilidades poéticas, o espaço da Marginal Botafogo passa a ser o espaço de exposição dela mesma, estimulando o fomento da segunda realidade como não-lugar. Logo, esta paisagem urbana é transfigurada com o intuito de gerar uma reflexão sobre a sua própria configuração. Além de criar um diálogo com a população em um espaço aberto, transforma a cidade em uma “galeria aberta”⁶. Mas será que esta mudança será percebida pelas pessoas que por ali passam?

Para poder perceber esta questão, de uma maneira concreta, o projeto previu uma forma de comunicação com o público, através da criação do *site* (www.obramarginal.com.br) e de uma comunidade no Orkut (<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=82727545>), o que possibilitou às pessoas emitir opiniões sobre a obra.

Contudo, a divulgação do endereço eletrônico do projeto não se deu no espaço da Marginal Botafogo⁷, mas por meio da divulgação nos meios de comunicação (Rádio CBN, Jornais impressos “O Popular”, “Diário da Manhã”,

“Hoje”) além de *sítes* da Galeria Potrich, Portal da UFG e da Adufg (Associação dos docentes da UFG).

Tanto no *síte* quanto na comunidade do Orkut não houve muitos depoimentos, talvez porque, pelo fato de ser uma via expressa, muitas pessoas não tenham percebido, principalmente àquelas que não costumam passar sempre por ali. Ou devido à quantidade de mensagens visuais existentes no local, passem a ser confundidas com as mesmas e não diferenciadas ou identificadas como registros da Marginal.

Entretanto, os comentários feitos levam a alguns direcionamentos. Percebeu-se que houve confusão no momento de contemplação da exposição “Acho que todo mundo que vê fica meio perdido, até entender já acabou”(Larissa César). Outro comentário leva a constatar que as fotografias embelezaram a marginal, tirando a intenção da dicotomia, contudo sendo percebida como transformadora da paisagem urbana, conforme as seguintes falas: “Esse ficou lindo, estão de parabéns!! Continuem assim, que a cidade fica muito mais linda !” (Shailly) e “Excelente trabalho. A artista consegue transformar um fragmento feio do cotidiano em uma obra de arte, com formas próprias. Gostei muito do que vi neste fim de semana.” (Adélia).

Outras duas falas trazem à tona a discussão do olhar sobre uma paisagem já conhecida, mas que passa a ser vista sob outro ângulo, o que pode gerar reflexões a partir do reconhecimento ou do estranhamento. “Mostra um lado de Goiânia que não conhecemos ou simplesmente não percebemos ao passar pela Marginal Botafogo.” (Vanessa Porto) e “Qual a perspectiva do meu olhar? Essa exposição me fez pensar nisso. As cores diferenciadas sobre uma mesma imagem parecem refletir as diferentes interpretações de diferentes olhares sobre um ambiente comum. O comum e até mesmo o feio se torna arte nesse trabalho e nos leva a refletir o nosso espaço e a pensá-lo com novos olhares.” (Joscimar)

Além dos depoimentos, a exposição proporcionou outras reações em relação à ela e ao espaço da Marginal, gerando um contato físico com as obras. Os seis painéis coloridos fixados nos muros de pedra foram arrancados na primeira semana da exposição. Foi feita nova impressão dos painéis, contudo, dois deles foram novamente retirados. Outra intervenção feita foi o de desenhar sobre um dos painéis

Diante do exposto, percebe-se que, mesmo de uma forma tímida, a exposição conseguiu suscitar reflexões acerca do espaço da Marginal Botafogo, fazendo uma relação com a sua possibilidade de “não-lugar”. E, também, questionamentos sobre o olhar cotidiano e cego pela grande quantidade de intervenções visuais já presentes. Além disso, verificou-se que não há um consenso sobre o conteúdo das fotografias e conjunto delas dentro do espaço, logo, constata-se que “a recepção da imagem fotográfica é um nó em que se cruzam fatores heterogêneos, que em sua maioria nos escapam.” (SCHAEFFER, 1996, p. 95)

Devido a essa heterogeneidade, a construção do projeto “Obra Marginal” não finaliza na minha intenção, como fotógrafa, mas se estende ao olhar dos outros. Nesse sentido, ela não se encerra na produção, mas é expandida e problematizada no processo de colocação das fotografias no espaço e na recepção do público. Com isso, a denominação contemporânea de “Arte Pública” se faz presente, uma vez que a paisagem urbana dialoga com suas propostas de mudança e com o olhar do público, que muitas vezes, fica absorto no cotidiano, impedindo que perceba, inclusive, as suas transformações. Logo, é possível pensar em uma fotografia construída e contaminada⁸ pela visualidade já existente no espaço urbano.

E, para a continuidade do projeto, com o término da “exposição a céu aberto”, foi feito, no mês de maio, a exposição na Galeria Potrich, uma galeria fechada⁹, localizada próxima à Marginal. A proposta desta segunda etapa teve como objetivo dar um retorno ao público do processo desencadeado durante a mostra nas ruas e, também possibilitar um outro nível de recepção, mais próprio à fotografia. Isso se justifica pelo fato de a fotografia necessitar um tempo de contemplação. Na Marginal, esse tempo era ditado pela velocidade da via e na galeria, o tempo, como em qualquer exposição fotográfica, é ditado pelo próprio espectador.

Com isso, mais uma dicotomia é colocada, o rápido e o lento, a partir do momento que se coloca a rapidez do cotidiano, materializada naquela via expressa, como uma possibilidade de reflexão das contradições que perpassam a vida moderna, as paisagens urbanas e as relações humanas. Nesse sentido, outro questionamento surge. Será que o tempo muda o olhar sobre a obra?

Outras questões podem ser levantadas e as respostas recebidas apontam caminhos possíveis para se refletir sobre a fotografia como arte pública e como produtora de conhecimento. Contudo, não são conclusões definitivas, principalmente pelo fato da cidade ser um “organismo vivo” e, em consequência, a obra também.

Notas Finais:

¹ Jornal “O Popular” – 22 de junho de 1989.

² Jornal “O Popular” – 08 de julho de 1990.

³ Este projeto foi aprovado em 2008, no Programa de Estímulo à Produção Artística no Brasil, da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) / (www.funarte.gov.br). Foram 10 projetos aprovados na categoria Fotografia, sendo dois por região. A exposição no espaço da Marginal Botafogo aconteceu de 14 de fevereiro a 28 de março de 2009.

⁴ Conceito criado por Marc Auge na obra “Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade” (1994).

⁵ Termo criado por Philippe Dubois na obra “O ato fotográfico” (1993).

⁶ Toma-se emprestado o termo “Galeria aberta”, nome de um projeto realizado em Goiânia, na década de 80, idealizado por PX Silveira e Kleber Adorno e realizado pela Secretaria de Cultura do Estado, que possibilitou a produção de painéis pintados em prédios da cidade por artistas goianos (FARIAS, 2005).

⁷ Esta escolha foi feita para não dar um caráter publicitário à obra, ou seja, de divulgação do site, pois dessa maneira tiraria a possibilidade de dúvida sobre o que estava sendo visto.

⁸ Termo utilizado por Tadeu Chiarelli no texto “A fotografia contaminada”, presente no livro “Arte internacional brasileira”.

⁹ A abertura será dia 05 de maio de 2009 e a exposição ocorrerá de 06 a 27 de maio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Lilian. **Fronteiras do visível**. Arte Pública na Avenida Paulista: um estudo-intervenção na cidade de São Paulo. *In*: Anais do 15º Encontro Nacional da ANPAP. Vol. 1, 1ª ed. Org. Cleomar de Sousa Rocha : Salvador, ANPAP, 2007, 568-577 p.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 4ª ed. Campinas : Papyrus, 2004, 112 p.

CHIARELLI, Tadeu. **A fotografia contaminada**. *In*: Arte internacional brasileira. 2ª ed. São Paulo : Lemos Editorial, 2002, 115 – 120p.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 6ª ed. Campinas, SP : Papyrus, 1993, 361 p.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Muros**: não se vê com os olhos. *In*: Paisagens urbanas. 3ª ed. São Paulo : Editora SENAC, 2004, 174-207 p.

SANTOS, Alexandre. **Da cidade como resposta à cidade como pergunta**: a fotografia como dispositivo de representação / apresentação do espaço urbano. *In*: A fotografia nos processos artísticos contemporâneos. 1ª ed. Alexandre Santos e Maria Ivone dos Santos, Org. Porto Alegre : Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura : Editora da UFRGS, 2004, 38-60 p.

SCHAEFFER, Jean-Marie. **A imagem precária**: Sobre o dispositivo fotográfico. 1ª ed. Campinas, SP : Papyrus, 1996, 215 p.

Dissertação

FARIAS, Sálvio Juliano Peixoto. **Galeria Aberta**: uma história por múltiplos atores. 2005. 265 f. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

Jornais

Sem Identificação. Prefeitura abre mais uma avenida. **Jornal “O Popular”**, Goiânia, 22 de junho de 1989. Caderno de Cidades, s/p.

Sem Identificação. Reiniciadas obras na Marginal. **Jornal “O Popular”**, Goiânia, 08 de julho de 1990. Caderno de Cidades, s/p.

Sites

www.obramarginal.com.br, acesso em março de 2009

www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=82727545, acesso em março de 2009.

Currículo da Autora

Professora da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb), da Universidade Federal de Goiás (UFG), Ana Rita Vidica é mestre em Cultura Visual, pela Faculdade de Artes Visuais, também da UFG. Atua, ainda, como fotógrafa e desenvolve pesquisas sobre Imagem, atuando principalmente com os subtemas fotografia, publicidade, arte, fotoclube e antropologia visual. É membro da Comissão de Acervo do Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS-GO).